

# — CONEXÃO —

EP  
REAL

#29

*Amor maternal (cover David Herkowitz), 2015, de Natalia Iguiniz Boggio.  
Impressão digital em papel algodão, 120cm x 90cm.*



MARÇO 2023

# MULHERES

# Equipe editorial

**Adriana Pontelli**

Diretora de Publicações da FEPAL  
Psicanalista da Associação Psicanalítica de Córdoba (APC)

**Alicia Ángeles Ramírez**

Analista em formação da Sociedad Peruana de Psicanálise (SPP)

**Ana Valeska Maia Magalhães**

Analista em formação da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR)

**Daniel Senos**

Analista em formação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

**Lúcia Palazzo**

Diretora Suplente de Publicações da FEPAL  
Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

**Marina Massi**

Coordenadora Científica da FEPAL  
Psicanalista da Sociedade de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)

**Natalia Mudarra**

Psicanalista da Asociación Panameña de Psicanálise (APAP)

**Ximena Méndez**

Analista em formação da Associação Psicanalítica del Uruguay (APU)

**Leo Mangiavacchi**

Projeto Gráfico / Diagramação

**Walter Lisboa**

Tradução

**Imagem da capa**

Amor maternal (cover David Herkovitz), 2015, Natalia Iguiñiz Boggio<sup>1</sup>. Impressão digital em papel algodão.

<sup>1</sup> Natalia Iguiñiz (Lima, 1973) é artista plástica e professora universitária. Desde seus estudos em Pintura na Pontificia Universidad Católica del Perú-PUCP (1990-95) e o Mestrado em Gênero, Sexualidade e Políticas Públicas na UNMSM, seu trabalho explora a construção de discursos em torno de concepções do feminino, da sexualidade, da trabalho e da maternidade; assim como a memória histórica e a colonialidade do poder. O seu trabalho transita entre espaços de exposição de arte, intervenção no espaço público e ativismo feminista. Ocasionalmente trabalha com design gráfico, comunicação social, redação e curadoria. Sua obra faz parte de importantes coleções, como MOLAA, MALI, Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul e El Reina Sofía. É mãe de Antônia e Vicente.

# Editorial

Na imagem vemos um lençol branco com vincos, onde estão três pares de pernas e diferentes tons de pele. A imagem é um recorte, uma incompletude. O que nela falta confronta o olhar, gera questões e convida a imaginar. Diversidade e intimidade, a luta e a quietude, erotismo e brincadeira. O trio de pernas, as miríades do universo feminino, o que transforma, o que transborda? Se para Freud a mulher era um mistério, como pensá-la em nosso tempo? Afinal, o que é uma mulher? O que, como mulheres, queremos? Para esta edição de Conexão Fepal elegemos o tema Mulheres e continuamos a convidar artistas para estarem conosco tecendo novas possibilidades de leitura sobre o que escolhemos apresentar aos leitores. A imagem que acompanha essa edição é um trabalho da artista visual, professora, mãe e ativista feminista Natalia Iguiñiz, nascida em Lima, Peru. Sua pesquisa explora como se constroem os discursos em torno das concepções do feminino, da sexualidade, do trabalho e da maternidade. As conquistas históricas não são garantias inabaláveis, discursos tendem a retroceder ou fossilizar. A inquietude da arte com suas perguntas em aberto, a surpresa do que nos olha de volta e abala o chão das certezas, constitui-se também como um campo que chama à criação de formas diversas de ver o mundo, o outro, a nós.

“Se é fato que o presente lampeja, do passado uma menina acena e seu gesto atravessa o tempo até tocar a mulher que habita o futuro”, nos diz a escritora Camila Chaves, de Fortaleza, Brasil, em **Interseções**. Em seu delicado texto “A menina”, Camila evoca literatura, mitos, vozes e tempos, e instiga a pensarmos acerca do que compreendemos ser uma mulher, chamando a menina que trazemos conosco para também contar a história de vida que escrevemos.

Porém, nosso continente, marcado por uma trajetória colonial, patriarcal, escravocrata, impõe desafios diários à escrita da história das mulheres: feminicídios, racismos, violências domésticas e urbanas, desigualdades salariais, padrões estéticos tirânicos, transfobias. Se, como mulheres, trazemos a menina conosco, por outra perspectiva herdamos camadas de histórias: de nossas avós, das mulheres silenciadas ao longo de séculos do patriarcado, da primeira mulher que contou uma história, da primeira psicanalista.

Nesta edição também apresentamos as **perspectivas** de quatro psicanalistas: três mulheres e um homem. Julio Casillas Ledesma com o título de seu trabalho "As mulheres a partir de uma perspectiva psicanalítica própria" destaca sua visão pessoal sobre alguns conceitos de Freud considerados como "o núcleo da teoria freudiana da feminilidade". O autor assume o desafio de repensar criticamente alguns pontos do marco conceitual e propõe a construção de um "modelo de caleidoscópio para abordar as infinitas figuras do feminino, de ser mulher hoje". E para pensar neste presente, Graciela Cardó Soria em "Mulheres. Tempos. Lugares" seleciona três cenas nas quais ela localiza as marcas míticas e históricas da dor de três mulheres. Ela reconhece o sofrimento como uma marca de identidade do feminino, possível de ser revertida em um processo de historicização das feridas, de transformações e de reivindicações em favor de identidades desejáveis. No mesmo sentido, Patricia Alkolombre sublinha em "Mulheres protagonistas" o lugar central das mulheres em seus projetos de vida, e destaca a pluralidade de desejos que as habitam. Concordamos com a autora que "há muitas maneiras de se tornar mulher, e todas elas enquadradas em diferentes contextos sociais"; por isso foi interessante para nós convidar Natalia Mudarra, como psicanalista latina, para nos contar suas experiências com mulheres da comunidade Guna, um povo nativo do norte do Panamá. Ela o fez em seu trabalho intitulado "A colonização do feminino: realidade para as mulheres indígenas e latinas".

A seção **Conversações** continua com a série de entrevistas intituladas "Em língua viva: FEPAL hoje". Esta edição conta com uma entrevista íntima e interessante, conduzida por Natalia Mudarra com Zoila Ortiz, nossa atual Coordenadora de Crianças e Adolescentes da FEPAL. Para a entrevistada, a idéia de "brincar e ver o que sai do jogo" foi uma descoberta. Juntamo-nos a esta proposta, oferecendo esta entrevista como um convite para brincar e depois ver o que sai do jogo.

"Ser e tornar-se mulher é uma discussão que percorre a história da psicanálise, marcada pelas lacunas que Freud nunca conseguiu preencher, e continua sendo um assunto que exige o olhar envolvido e responsável dos analistas contemporâneos", aponta Cláudia Carneiro em seu artigo "Mulher". Ela, envolvida com este tema, nesta seção de **Marcadores de Calibán**, propõe uma viagem através de alguns artigos da Revista, que também convidamos você a ler ou reler.

Adriana Pontelli y Ana Valeska Maia Magalhães

# Perspectivas

## Mulheres protagonistas

Por *Patricia Alkolombre\**

O título *mulheres protagonistas* evoca a centralidade que seu lugar adquiriu desde o início do século passado. Costuma-se dizer que o século XX foi o século da mulher por causa de sua inclusão no mundo público, na arte e na literatura, na economia, na ciência em geral e na psicanálise em particular. Portanto, para pensar nos diferentes cenários que as mulheres ocupam hoje, é vital fazer um pouco de história. Até o final do século XIX, as mulheres tinham uma longa permanência no mundo doméstico, não eram consideradas agentes plenos de seus próprios desejos, nem tinham leis para protegê-las. Sua autonomia era relativa e regida pelas regras de um patriarcado excludente que não considerava seu lugar como sujeitos de direito.

O início do século XX viu o início dos movimentos feministas baseados no princípio da igualdade de direitos para homens e mulheres. Recordamos as sufragistas que saíram às ruas para exigir o direito de voto para as mulheres. Seguiram-se as lutas por direitos no campo laboral, na educação, na política, na economia e nos direitos reprodutivos. Hoje estamos testemunhando movimentos contra a violência contra as mulheres como #niunamenos, contra o assédio no trabalho como #metoo. Ao mesmo tempo, o avanço do feminismo dos anos 60 deu origem a diálogos fecundos entre psicanálise e teorias de gênero, que constituem o espaço acadêmico do feminismo.

Assim, as diferentes questões relacionadas às mulheres estão em pleno debate dentro da sociedade, e também dentro da psicanálise. Desde seu início, a escuta de Freud a suas pacientes mulheres constituiu um período fundacional no qual ele teorizou a sexualidade feminina sob as características da passividade e da complacência com a vida doméstica a partir de uma perspectiva androcêntrica e patriarcal, como um reflexo dos ideais da época. Sabemos que as perguntas que podemos nos fazer estão relacionadas com os tempos em que vivemos.

Se nos perguntarmos sobre as mulheres hoje, podemos dizer que há muitas maneiras de se tornar mulher e todas elas enquadradas nos diferentes contextos sociais; com efeito, viver na América Latina não é o mesmo que viver no Oriente

Médio ou na Europa. Geografia e cultura incidem também nos destinos e se colocam como "quarta série complementar", conceito postulado pela Alizade (2010).

O caminho para a feminidade, na obra de Freud (1925), desemboca para a mulher na equação pênis = filho, que dá origem ao desejo de filho. Não encontramos em sua obra nenhum outro desejo além do desejo de filho como um caminho de subjetivação privilegiado para a mulher. Isto implica o risco de naturalizar, no campo clínico, a busca da gravidez de forma a-crítica (Alkolombre, 2021). A naturalização do materno traz também novos cenários de sofrimento para aquelas mulheres que não querem ou não podem se tornar mães devido a diversas circunstâncias.

A maternidade para as mulheres hoje é um território heterogêneo devido à separação radical da sexualidade e reprodução com o advento da contracepção oral e da fertilidade assistida. O materno – em plural – constitui atualmente este território heterogêneo no qual as mudanças dos ideais culturais estão em plena transformação. Emergem novas perspectivas sobre o desejo de maternidade, que pode abrigar, ao mesmo tempo, diferentes caminhos através da fertilidade natural, as técnicas reprodutivas, ou seu negativo, o não-desejo do filho (Alkolombre, 2021). Nesse sentido, surge a necessidade de desconstruir o paradigma inicial do feminino dentro da psicanálise.

Se pensarmos na questão do lugar das mulheres – no plural – e seus projetos vitais, podemos dizer que encontramos hoje uma pluralidade desejante. Se conjeturarmos uma passagem da pergunta clássica de Freud, "o que a mulher quer?", cuja resposta seria "o desejo de um filho", hoje poderíamos formular: "O que as mulheres querem?", e a resposta seria "ser protagonistas e agentes de seus desejos". E nisto, a psicanálise tem muito a contribuir.

\* PhD. Psicanalista. Membro titular da Associação Psicanalítica Argentina (APA) e Presidente do Comitê de Mulheres e Psicanálise da IPA (COWAP).

#### **Referências bibliográficas**

Alizade, M. (2010) "La liberación de las parentalidades" en *Revista Imago Agenda*, n° 140, Buenos Aires: Letra Viva Editorial.

Alkolombre, P. (2008) *Deseo de hijo. Pasión de hijo. Esterilidad y técnicas reproductivas a la luz del psicoanálisis*, Buenos Aires: Letra Viva Editorial.

--- (2021). The maternal-feminine: Scenarios in transformation psychoanalysis and gender perspectives. In *Psychoanalytic Explorations of What Women Want Today* (pp. 161-171). London: Routledge.

Freud (1925) "Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos", *Obras Completas*, Vol. XIX, Buenos Aires: Amorrortu.



# Mulheres. Tempos. Lugares

Por **Graciela Cardó Soria\***

## **Cena 1: Grécia Antiga**

Antígona, filha e irmã de Édipo, filha de Jocasta, defendeu as leis da natureza, cumpriu a interdição paterna acima da lei dos homens. Ela sepultou seu irmão Polinices, era a coisa certa, embora proibida, era necessário por causa da natureza transmitida pela mãe. Foi condenada a ser enterrada viva, optou por uma morte digna, cometendo suicídio.

## **Cena 2: Ohio, 1871**

*"Esse homem diz que as mulheres precisam ser ajudadas para entrar em carruagens e erguidas para passar sobre valas, e para terem os melhores lugares em todas partes. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama ou me deu qualquer bom lugar. E eu não sou uma mulher? Olhe para mim! .... Eu tenho arado e plantado.... Nenhum homem jamais fez isso melhor do que eu! E eu não sou uma mulher? .... Eu aguantei chicotadas! E eu não sou uma mulher? Dei à luz treze filhos e vi a grande maioria ser vendida para a escravidão... E eu não sou uma mulher?" (Sojourner Truth)*

## **Cena 3: Lima, março, 2023**

Continuando os protestos e marchas que começaram em janeiro, um pequeno grupo de mulheres do planalto do sul do Peru (Puno) corre diretamente em direção à barreira policial com seus filhos nas costas. A poucos metros de distância, um policial dispara uma bomba de gás lacrimogêneo e uma delas é atingida. No dia seguinte, o ministro da Educação declara à imprensa: *"Nem os animais expõem seus filhos assim"*.

## **Mulheres, tempos, lugares**

Destaco o potencial simbólico dessas cenas, seus manifestos e lutas, para além das formas em que se expressaram e expressam. Somos produto de desenvolvimentos históricos, nos quais a pegada de milhares de anos de

patriarcado marca nosso inconsciente, deixando mal-estares visíveis e invisíveis sem nomes (Friedan, B. 2016). Grande parte do imaginário ocidental continua permeado de ideias sobre as mulheres como seres cujo conceito engloba o feminino, a condição de fêmea e a maternidade. Mulheres "essencializadas" como emocionais, suaves, sentimentais, lacrimosas, familiares, cuidadoras.

Mesmo se a luta das mulheres está sendo levada em consideração (em alguns países), lembramos com Person que, "se as mulheres agora se imaginam a si mesmas 'correndo com os lobos', alguns homens podem se sentir ameaçados" (1997, p.167).

### **Uma proposta**

Proponho compreender essas três cenas à luz dos conceitos de Ahmed (2014) sobre a "cultura da ferida" e Brown, W. e Berlant sobre a "fetichização da ferida", citada pelo autor (ibid.). Elas nos lembram que o feminino nas mulheres ainda é marcado pela dor. Muitas vezes é difícil transformar isso e resta apenas fetichizar a ferida como uma marca de identidade; o sofrimento é o corolário.

Pensemos nas cenas como formas de historicizar feridas e afastar a dor como algo essencial para as subjetividades; em vez disso, aparece o discurso reivindicador, a constância do reclamo, a vontade de poder. Reconhecer o seu tempo e o seu lugar histórico permite transformar feridas e afirmar identidades desejantes. Elas saem do tempo congelado da dor, do lamento histórico, e duelam e transfiguram a dor real em uma promessa de **devolução** que sustenta o *investimento da espera* de suas lutas.

### **Coda**

Antígona é autônoma, é o ser que não se submete, desobedece, diz não ao injusto edito real. Ela se torna mulher que é dona de si. Com representações-identificações paternas e maternas, constrói o espaço do desejo próprio.



Sojourner Truth nos ensina que A Mulher única não existe. Seu corpo marcado pela dor e pelo trabalho (no campo e em seus partos), soube curar feridas para enfrentar-se simbolicamente em seu discurso e vencer pela primeira vez um juízo a um homem branco.

As mulheres aimarás no meu país, marcham e lutam por seus mortos e por seus direitos desassistidos, quebram os ideais maternos confrontando os representantes do poder. Elas são humilhadas e atacadas. Parafraseando Sojourner, poderiam perguntar: Eu carrego meus filhos nas costas para o campo, para as marchas, *acaso não sou uma mãe?*

Estamos muito longe do predomínio do pensar a subjetividade das mulheres livres do materno (Alizade, 2006). Em muitas geografias temos voz e somos ouvidas, mas também somos silenciadas e aviltadas; sempre teremos um preço a pagar. Temos um longo caminho a percorrer.

\* *Psicanalista. Presidente da Sociedade Peruana de Psicanálise. Co-Chair para a América Latina do Comitê IPA sobre Mulheres e Psicanálise - COWAP.*

#### **Referências bibliográficas**

- Ahmed, S. (2014). *La política cultural de las emociones*. México: Programa Universitario de Estudios de Género
- Alizade, M. (2006). The non-maternal psychic space. En: *Motherhood in the Twenty first century*. London: Karnak.
- Friedan, B. (2016). *La mística de la feminidad*. Madrid: Cátedra.
- Person, E. (1997). *The force of fantasy. Its roles, its benefits, and what it reveals about our lives*. New York: HarperCollins Publishers.

# As mulheres desde uma perspectiva psicanalítica própria

Por *Julio Casillas Ledesma\**

Édipo e Freud penetraram profundamente nas profundezas dos olhos da esfinge. O monstro propõe seu enigma a todos os viajantes; quem não souber a resposta é despedaçado, jogado no abismo. Nosso trabalho psicanalítico cotidiano é simbolicamente expresso nesse encontro; no início de cada sessão somos confrontados com o enigma, o enigma da esfinge, representando a pulsão?

A pergunta e curiosidade de Édipo é: "Quem sou eu?"; a da esfinge é: "Quem é você?" Atualmente muitas mudanças estão ocorrendo na prática psicanalítica, reconheço que muitos conceitos freudianos ainda são válidos e continuarão a ser ferramentas clínicas imprescindíveis. A psicanálise da mulher ainda é o grande desafio, ainda é necessário descobrir mais peças do quebra-cabeça. Vejamos rápida e superficialmente apenas uma peça: quando mencionamos em nosso devenir profissional o feminino, a mulher, a sexualidade feminina, o conceito da "inveja do pênis", e afirmação errônea de que a vagina não tem nenhum papel na vivência sexual da menina, como sendo o "núcleo da teoria freudiana da feminilidade", estamos falando de preconceitos herdados de pouco mais de cem anos atrás! E infelizmente as disputas continuam.

O reclamo essencial ao patriarcado psicanalítico deve-se ao fato de ele pretender "submeter as mulheres ao desejo do homem". Não obstante, Freud recebe críticas até a publicação de seus dois artigos sobre a sexualidade feminina – apoiados por muitos trabalhos escritos anteriormente por mulheres psicanalistas –, onde a descoberta da diferença sexual adquire seu significado a partir da relação da menina com seus pais, especialmente o vínculo com a mãe. Seguindo Fernández del Valle, é assim como Freud vê-se obrigado a retomar sua descrição do desenvolvimento sexual da mulher, ao perceber de que suas descrições anteriores do complexo da masculinidade carecem de

uma descrição atenta do terreno em que surge, na mulher, o reconhecimento das diferenças anatômicas.

Vale mencionar que até essa data Freud não havia lidado com o vínculo mãe-filha, nem com o vínculo mãe-filho, fora de suas descrições do conflito edípico. É interessante notar que ele introduz um novo termo, o adjetivo "pré-edípico", para referir-se ao forte vínculo que existe entre mãe e filha, antes de que nasça na filha um interesse amoroso pelo pai.

Isto, como já mencionei, é apenas uma peça do quebra-cabeça. Parece que nesta etapa pós-covid19, surgem novas direções na prática psicanalítica; com efeito, é impressionante a relevância adquirida pela abordagem do interno imiscuído com o externo, fundamentalmente o contexto sócio-político-cultural.

Agora que tanto se fala em gênero, identidades, sexualidades, feminilidade e masculinidades, relações hierárquicas entre os gêneros, diversidade sexual, homoparentalidade, psicopatologias e violência de gênero, intolerância ao feminino, a psicanálise tem iniciado um permanente e necessário diálogo com tudo o que está relacionado ao que se chama: "estudos da mulher", um diálogo neste complexo tema da subjetividade das diferenças entre os sexos e suas implicações com o corporal e a violência. A articulação entre subjetividade e cultura deverá ser ainda mais aprofundada. É triste e doloroso que em meu país (México) ser mulher e sair para a rua seja arriscado; temos uma taxa vergonhosamente alta de feminicídio e violência de gênero.

Assim como Freud usou o block maravilhoso (quadro negro mágico) para explicar o aparato psíquico, talvez devêssemos desenhar nosso caleidoscópio para nos aproximarmos das inúmeras figuras do feminino, de ser mulher hoje.

Pode-se afirmar que a psicanálise vai além do binário, mas a esfinge continua a nos assombrar com as perguntas: "Quem é você?" "Quem sou eu?" Até que um dia a violência não seja mais a paisagem diária das mulheres em meu país.

\* Médico. Psicanalista didata. Ex-diretor do Instituto de Psicanálise da Associação Psicanalítica Mexicana (APM). Atual presidente da APM.

# A colonização do feminino: realidade para mulheres indígenas e latinas

Por **Natalia Mudarra**<sup>\*1</sup>

O convite do Museo de la Mola para realizar um debate<sup>2</sup>, tornou-se o ponto de encontro de uma experiência entre mulheres aparentemente muito diferentes. Maydel Martínez, Médica Clínica Geral, é a primeira mulher guna a retornar e exercer a profissão em sua terra. Cecibel Arias, Licenciada em Serviço Social realiza uma indispensável tarefa de ajuda e apoio para o povo. Ambas me deram sua visão do que é ser uma mulher neste povo originário estabelecido no norte do Panamá. Eu, como latina, emprestei minha escuta e meu saber psicanalítico para integrar a experiência no que significa ser mulher na pós-modernidade.

Conheci a Dra. Maydel quando trabalhava como especialista em saúde mental promovendo a psicoeducação, prevenção e tratamento do HIV e da AIDS em crianças e adolescentes de várias ilhas da comarca. Essa primeira experiência foi o início de um processo de sensibilização, aprendizado e fascínio pelos povos indígenas – que ainda continua –, bem como a de uma amizade e proximidade com mulheres e homens gunas, com os quais continuo em contacto frequente.

<sup>1</sup>As seguintes profissionais são coautoras deste trabalho:

Maydel Martínez. Médica Clínica Geral formada pela Columbus University. Atualmente responsável pela Clínica de Terapia Antirretroviral na Ilha de Ailigandi, Comarca Guna Ayala.

Cecibel Arias. Licenciada em Serviço Social pela Universidade do Panamá. Promotora comunal e ex-consultora assistente do Banco Mundial e do Gran Congreso Guna.

<sup>2</sup>Referência ao "Conversatorio: Mujer, ecología y vida. Um vínculo ancestral que hemos olvidado en la actualidad", realizado no Museo de la Mola, Panamá, 25-03-2023.

Maydel comenta sua experiência como médica na comarca. Compartilha conosco o grande desafio que significa para ela manter os costumes e o arraigamento de sua comunidade, em complemento com a medicina ocidental. Relata sua experiência de assistir a partos, onde ela, como representante híbrida de sua comunidade, mas também da medicina ocidental, deve fazer uso de ambos os recursos. "Meu pai me disse que, mesmo que eu fosse médico, tinha que respeitar os costumes, que não podia chegar e querer mudar tudo", referindo-se ao grande desafio que envolvia deixar a comarca e voltar com um novo saber, que às vezes, parece buscar colonizar um estilo de vida ancestral.

A doutora conta como, por exemplo, no caso de um parto complicado, às vezes é necessário chamar o "nele", o curandeiro da comunidade, para que por intermédio de misturas, orações e massagens, ele ajude a parturiente em seu trabalho. Também comenta que respeita muito a cultura deles, por isso pergunta à gestante se ela quer manter a placenta, pois sabe que faz parte do costume de seu povo "semeá-la para dar vida". Maydel explica a semelhança visual da placenta com as raízes das árvores, pois suas ramificações venosas, à maneira de ramos, lembram o vínculo com a terra. Em sua comunidade, a família das mulheres que acabaram de dar à luz pede para preservar "a placenta e o umbigo" do recém-nascido, para depois enterrá-los ao lado de uma semente de qualquer fruto e, assim, seguir o curso natural da vida e da criação. Posso pensar que é um rito que também é feito em gratidão à Grande Mãe Natureza, que lhes fornece todos os recursos para viver, porque nas ilhas não há nenhum tipo de serviço, como luz ou água potável. Poucos são aqueles que têm um telefone celular com Internet.

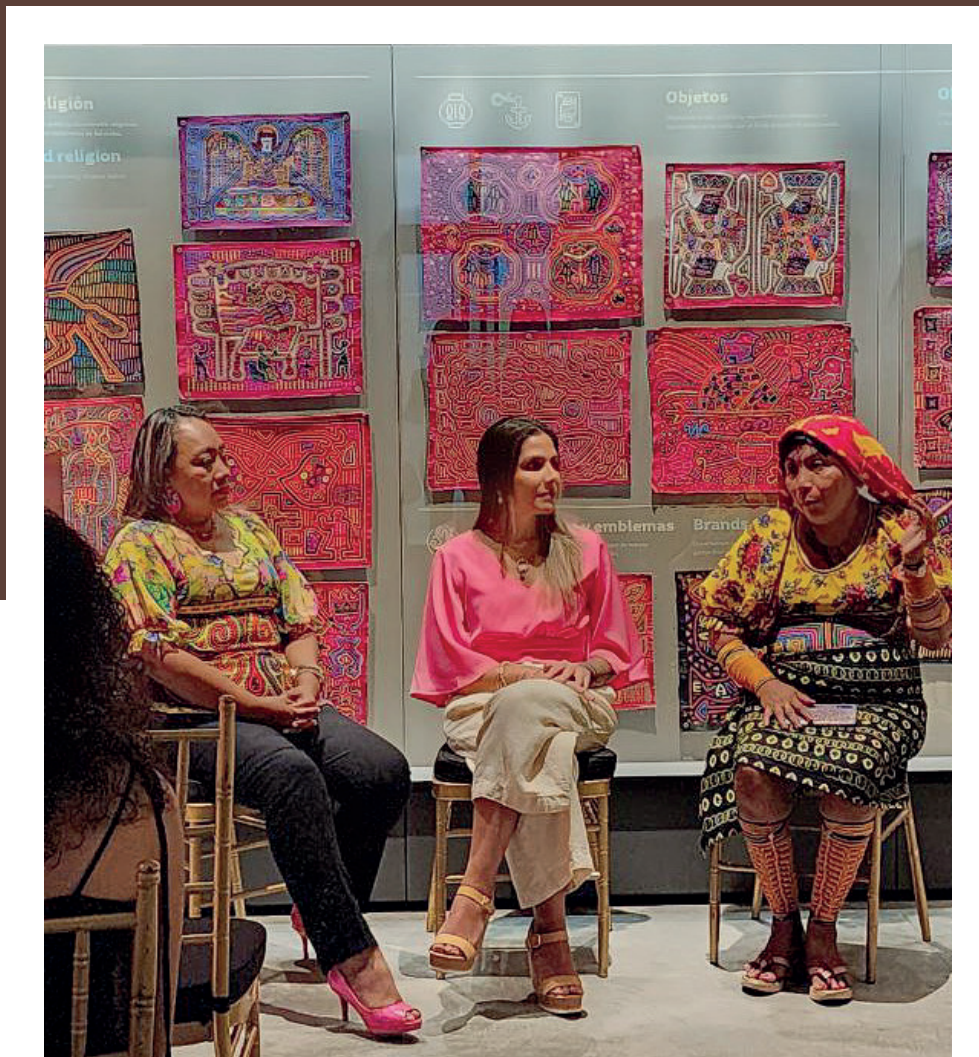
Por sua vez, Cecibel fala sobre a importância da relação e do respeito entre a mulher guna e a natureza. À pergunta: "como é uma mulher guna?", ela responde sem hesitação: "Ela é quem faz tudo"; no entanto, é o homem quem recebe o reconhecimento de ser quem manda e quem tem voz e voto diante das autoridades gunas; mesmo quando é a mulher quem cuida das crianças, dos doentes, dos idosos e da terra. Também pude reconhecer essa invisibilização entre as mulheres latinas.

Nos povos guna são as mulheres que herdaram a terra: as que habitam e as que colhem. Com efeito, é o homem que tem que ir viver com a mulher em sua terra, quando eles se casam. Para Arias, é uma declaração do cuidado que mulher e natureza se professam mutuamente.

A família guna é construída sobre uma ordem social patriarcal, mas funcionalmente é um matriarcado. É constituída pelo pai, o provedor principal, e a mulher, "que guia e conduz o homem", segundo as palavras de uma mulher guna

que conheci. O homem é a força que traz a matéria-prima, mas é a mulher que converte os insumos em recursos valiosos e úteis para a comunidade. O estrangeiro (a medicina ancestral), o indígena, o feminino, tudo o que não é o padrão cultural dominante, muitas vezes é invisibilizado e maltratado. Como psicanalistas podemos dar um lugar a quem, em seu espaço, não tem voz e, a partir do nosso território de saber, tentar trabalhar em prol da descolonização da linguagem e do pensamento.

*\* Psicóloga clínica e Psicanalista da Associação Panamenha de Psicanálise - APAP. Membro Titular de Psicólogos Sem Fronteiras. Voluntária e treinadora em várias fundações.*



Da esquerda para a direita: Maydel Martínez, Natalia Mudarra y Cecibel Arias.

# Interseções

## A menina

Por **Camila Chaves\***

Não consigo escrever a mulher sem antes falar da menina. Porque se penso a mulher como projeto, em sua incompletude, só posso entender a menina como estando na origem da produção dos desejos e das bases que darão sustentação ao querer. Se é fato que o presente lampeja, do passado uma menina acena e seu gesto atravessa o tempo até tocar a mulher que habita o futuro. Se a mulher é resistência, a menina é potência de ser.

Quando menina, uma vez eu disse que era menino. "Tu és menino ou menina?", corri sem destino depois de responder. Passei muito tempo da minha criança desejando ser menino, essa construção social que a mim chegava com gosto de infinitude. Poder jogar bola, subir em árvore, construir bonecos, pilotar carrinhos, tirar nota boa em Física e Matemática e gostar de meninas. Sendo menina, fiz tudo isso, e hoje gosto de ser mulher.

Machado de Assis tomou pra si um verso de William Wordsworth, dando título a um dos capítulos de *Brás Cubas*, defunto autor de suas *Memórias Póstumas*: "o menino é pai do homem". Nessa perspectiva, trocados os gêneros, com a devida licença do exercício poético, se na menina estão os apontamentos desse tornar-se mulher, e se a mulher traz em si a menina, podemos dizer que a menina é mãe da mulher. Mas não só.

Na universidade, conheci uma menina que, mais tarde, afirmou-se homem. Um dia, entre tantos registros de seu novo modo de vida – os pelos no rosto, a mudança na voz, o banho de mar sem camisa –, ele publicou uma foto sua de infância, com uma legenda sucinta que dizia: "Uma menina me ensinou quase tudo que eu sei". Era o seu agradecimento. Desde então, nunca mais ouvi "Ainda é cedo" do mesmo jeito.

Também em *O parque das irmãs magníficas*, Camilla Sosa Villada, com seu relato e criação de vida travesti, sua narrativa tão cercada de Deus e das coisas do mundo, me fez pensar na importância desse encontro entre a mulher que habita o futuro e a criança que se soube ter sido. Pra que isso aconteça, ela fala sobre a

necessidade de preparar a casa e de saber lhe pedir perdão por tanta beleza passada por cima. Um desejo.

Entre desejar e querer há um abismo tão grande quanto aquele existente entre os que têm quase tudo e os que quase nada têm. Às vezes, se quer, mas não se deseja. Às vezes, se deseja, mas não se quer. O desejo vem antes de tudo, e o querer implica consequências. Antígona, filha de Édipo, desejou e quis. Querendo, arcou com as consequências de se opor às leis dos homens e às dos deuses pra fazer jus ao seu desejo.

O exercício dessa menina mítica me faz lembrar Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: veredas*, ao dizer que: "difícil, mesmo, é um saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra." Se entendo o rabo da palavra como coisa viva, que não se pode impedir, como a última consequência de algo, ou o fim propriamente dito, digo que, pra saber o que se deseja e quer, retornar ao início é mesmo preciso.

Do futuro, uma mulher parte em direção ao passado levando uma bolsa cheia de coisas que de nada lhe servirão, mas disso ela ainda não sabe. Trezentos mil quilômetros por segundo, mas o caminho é escuro. Distante, há um riso que ela esqueceu, um brincar há muito em desuso. Há algo de impossível nesse encontro, mas vale o exercício de não caber. Tornar-se menina. A mulher resiste, a menina teima, o desejo insiste.

\* Escritora, autora de contos diversos, entre os quais "Boneca Russa", publicado na nona edição da *Granta em Língua Portuguesa*. Psicanalista em formação pelo Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Fortaleza e estudante no Doutorado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará.



# Conversações



**Zoila Ortiz**, Psicanalista da Sociedad Colombiana de Psicoanálisis (SOCOLPSI).  
Coordenadora da área de infância e adolescência de FEPAL 2022 – 2024.

## Em Língua Viva: FEPAL Hoje Entrevista Zoila Ortiz

Por **Natalia Mudarra\***

“Brincar e esperar o que sai do jogo” foi uma ideia revolucionária para Zoila Ortiz, atual coordenadora da área infanto-juvenil da FEPAL.

Ela nos conta de forma muito íntima como se interessou pelo trabalho institucional em psicanálise com crianças e adolescentes. Acompanhamos o seu percurso entre a Filosofia, a Psicanálise e o trabalho com crianças, que começou num pequeno consultório num espaço comunitário como tantos em nossa América Latina.

Conversa com Natalia Mudarra sobre este momento histórico, onde ela observa a redução da experiência humana à lógica do mercado e como ela atravessa a educação e as funções materna e paterna.

Finalmente chegam a uma ideia potente: Talvez seja uma desorganização que pode ser esperançosa se expandirmos para novas formas de relação, de práticas e ferramentas dentro da Psicanálise.

A partir de “Em Língua Viva: FEPAL hoje”, entregamos esta terceira entrevista ([clique aqui e assista ao vídeo](#)) realizada entre Bogotá e a Cidade do Panamá. Trabalhar nesta entrevista nos trouxe imagens sugestivas. Esperamos que isso ative suas próprias imagens de trabalho com pais, crianças e adolescentes na América Latina.

*\* Psicóloga clínica e Psicanalista da Associação Panamenha de Psicanálise - APAP. Membro Titular de Psicólogos Sem Fronteiras. Voluntária e treinadora em várias fundações.*

# Marcadores de Calibán

Por **Cláudia Carneiro\***

Ser e tornar-se mulher é uma discussão que atravessa a história da psicanálise, marcada pelas lacunas que Freud nunca viria a preencher, e mantém-se como um tema que requer o olhar implicado e responsável dos analistas contemporâneos. Muitos avanços existem no debate psicanalítico sobre o feminino e feminilidade, produzidos pelo questionamento do lugar reservado à mulher na teoria freudiana. Mas lembremos que falar do feminino não se restringe a singularidades das mulheres – busca, também, um pensar sobre o feminino nos homens. Essa compreensão convoca-nos a um novo debate, o de que não apenas a subjetividade feminina, mas a própria condição objetiva da mulher na sociedade e no mundo deve receber uma atenção profunda e central da psicanálise contemporânea.

Os leitores vão encontrar em vários números da revista Calibán reflexões sobre o multiverso das singularidades da mulher, que Julia Kristeva chama de feminino transformativo, e, também, sobre seu avesso: a mulher não reconhecida como sujeito e sendo objeto da pulsão destrutiva e tanática de homens. A mulher e as mulheres em sua intimidade, beleza e condição estrangeira, como também em seu sofrimento, opressão e objetificação estão traçadas e desenhadas por diversos autores de Calibán. Mulheres refugiadas, maltratadas e torturadas, vítimas da misoginia e da crueldade de homens, mulheres violentadas e assassinadas, todas são protagonistas dos textos que sugerimos a seguir:

**Calibán Excesso** vol. 11(2):

Liana Albernaz de Melo Bastos: *O excesso contemporâneo no corpo da mulher ou Nem toda brasileira é bunda.*

**Calibán desconstruir/transformar** vol. 16(1):

Patrícia Alkolombre: *Desconstruções e transformações da sexualidade: "Ela não é uma mulher de verdade."*

Margarita Cereijido: *Mães solteiras por eleição e seus filhos: o evoluer de sua subjetividade.*

**Calibán FemininX** vol. 17(1):

Julia Kristeva: *Texto preparatório para Prelúdio a uma ética do feminino.*

Virginia Ungar: *Observações sobre o feminino e a condução de instituições.*

María Cristina Fulco: *Feminino – Feminilidade – Posição sexual: complexa construção.*

Raya Angel Zonana: *Mito e origem.*

Sandra Lorenzon Schaffa: *Marie Bonaparte versus Joan Rivière: uma só libido? Mascarada como paixão do significante.*

Parick Merot: *A feminilidade, entre homem e mulher.*

Zélia Duncan: *Eu e o feminino, ser e seus desafios, ser é desafio.*

Em Dossiê *Mulheres em exílio*, textos de:

Gabriela Levy: *Exiladas.*

Marie-Caroline Saglio-Yatzimirsky: *Mulher de pedra, mulher de prantos, mulher de revolta.*

Simona Taliani: *Restos generativos: Sobre repetição e exílios femininos.*

José Luis González Fernández: *Marie Langer: entre o luto e a vida, uma experiência do exílio. Viver o presente pelo futuro.*

Claudia Andujar: *Fugindo da Segunda Guerra Mundial: da Hungria aos Yanomami.*

Jobana Moya Aramayo: *Ser mãe quéchua em São Paulo: um depoimento.*

**Calibán Paixão** vol. 17(2):

Laura Katz: *A ligação mãe-filha: uma harmonia impossível.*

Carla Rodrigues: *Misoginia, feminicídio, racismo, punitivismo: alguns significantes da violência contra as mulheres.*

**Calibán #Fronteiras** vol. 18(1):

Alain Derbez: *Ser música e fazer música: ser mulher e fazer jazz.*

**Calibán O infantil** vol. 19(1-2) - Em Vórtice: *Feminicídio: A violência que você não vê*, texto de: Eloá Bittencourt Nóbrega e Wania Maria Coelho Ferreira Cidade: Editorial.

Regina Esteves: *Corpos femininos: Horizontes aniquilados*.

Rocío Franco e Elizabeth Haworth: *Os feminicidas: O mal-estar que nos habita*.

Sandra Gonzaga e Silva: *Feminicídio: O que a psicanálise tem a ver com isso?*

Dalia Guzik e Cristina Oñate: *As vozes do silêncio: Por que falar de feminicídio?*

Ludmila Y. Mafrá Frateschi: *A vida é real e de viés*.

Laura Ward da Rosa: *Paixões e feminicídio*.

**Calibán Como faremos para viver juntos?** vol. 20(1):

Helí Morales: *Violência a céu aberto: Feminicídio e crueldade*.

\* *Psicanalista, membra associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília e professora do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPBsb. Formada em jornalismo e psicologia; mestre e doutoranda em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB). Foi fundadora e editora do Jornal Associação Livre (SPBsb). Atualmente é editora da seção Cidades Invisíveis da Revista Calibán.*



**A 13ª História do Rosto Humano (Os Portais de H.)**, 1991, detalhe, de **Eugênio Dittborn**. Airmail Painting No. 95. Pintura, costura e fotosserrigrafia em 6 seções de tecido poliéster. 11 ft. 5 pol. x 18 ft. 4 pol. 6 envelopes de 24,2 x 16 pol. cada. Cortesia do Novo Museu de Arte Contemporânea, NY.